

## MAIS DO MESMO: OS LUGARES DAS SEXUALIDADES NA ESCOLA, UM OLHAR PARA A DIVERSIDADE.

Fernanda Mara de Morais Ferreira<sup>1</sup>  
Gustava Bezerril Cavalcante<sup>2</sup>

### RESUMO

As sexualidades fazem parte do que somos e é impossível nos despirmos delas. Sendo assim, estão presentes nos lugares onde nos encontramos e socializamos. A escola aparece como um desses espaços. Sendo assim, esta pesquisa parte da necessidade de identificar quais os lugares que as vivências das sexualidades têm ocupado dentro da escola e o que isso tem causado nos sujeitos que as vivenciam e naquelas/es que as percebem. A inspiração etnográfica se fez eficaz nessa busca, pois muito contribuiu com a aproximação com os sujeitos, o contexto, a identificação e compreensão dos significados que emergiram durante a permanência em campo. A pesquisa foi desenvolvida em uma instituição de ensino médio da rede pública do Estado do Ceará. Teve como pressuposto a compreensão de que a escola tem silenciado e negado a discussão acerca das sexualidades ao longo de sua existência. A falta de conhecimento, esclarecimento e compreensão sobre o tema é uma das consequências dessa postura e isso fica claro nas reflexões aqui realizadas, a partir da realidade observada, dos relatos dos sujeitos e do contexto sociocultural e político em que vivemos. Pode-se perceber que a escola não reconhece a importância da abordagem das sexualidades, mas que elas estão em seu contexto e que há consequências sérias em seu “ocultamento” por parte da instituição. Com ou sem a identificação e reconhecimento da escola, estudantes vivenciam suas sexualidades dentro dela, e essa prática por si só já impõe a necessidade urgente de se priorizar o debate dentro da escola.

**Palavras-chave:** Juventudes, Escola, Sexualidades.

### INTRODUÇÃO

Na escola também não era diferente. A escola deveria ser um lugar onde você aprende a ser livre, a vencer obstáculos, a viver em paz. Mas sabem o que existe na escola? [escrevendo com giz] ÓDIO, SOLIDÃO, MEDO, EXCLUSÃO. Essas são disciplinas que não estão registradas no currículo, mas que você é obrigado a fazer.

Silvero Pereira<sup>3</sup>

Tudo que vivenciamos nos espaços de socialização em que estamos inseridas/os nos forma de alguma maneira, faz recordar, nos transforma, incita nossas emoções e sonhos e

<sup>1</sup> Graduada em Licenciatura em Ciências Sociais – UECE e Mestranda em Sociologia pela - UECE, [fernandamara08@gmail.com](mailto:fernandamara08@gmail.com);

<sup>2</sup> Professora orientadora: Possui graduação em Ciências Sociais (Licenciatura) pela Universidade Federal do Ceará (1994), mestrado em História Social pela Universidade Federal do Ceará (2004) e doutorado em Sociologia pela Universidade Federal do Ceará (2010)., atualmente é professora no curso de Ciências Sociais – UECE [gustavabezerril@hotmail.com](mailto:gustavabezerril@hotmail.com)

<sup>3</sup> Silvero Pereira nasceu em Fortaleza, em 1982. É dramaturgo, ator, diretor e produtor, graduado em Artes Cênicas pelo IFCE (Instituto Federal de Educação do Ceará). Em 2000, fundou o grupo *Parque de Teatro* e, em 2006, a *Inquieta Cia*. De 2002 a 2008, realizou a pesquisa sobre teatro e travestilidade, que resultou no solo *Uma Flor de Dama*, e deu origem ao coletivo artístico *As Travestidas*, junto ao qual vem desenvolvendo trabalhos que buscam criar questionamentos e provocação social através da arte.

pode nos marcar atemporalmente. Ao assistir por inúmeras vezes a peça de teatro BRTrans<sup>4</sup>, a fala transcrita na epígrafe deste capítulo sempre me toca e inquieta profundamente. Gisele Almodóvar é uma travesti e expõe nessa passagem da peça o que vivenciou na escola. Ouvindo o relato de sua experiência nesse espaço, que aparentemente parecia tão distante da minha, percebi o quanto a escola, um lugar onde somos inserida/os obrigatoriamente, é responsável não só pela nossa formação básica, mas pelas nossas experiências e impressões mais profundas sobre o mundo.

A escola se apresenta como um locus onde por meio da socialização entramos em contato com o mundo, vivenciando nossas primeiras experiências fora do contexto familiar. Ao longo do tempo vem sendo desafiada a lidar com as transformações históricas, culturais e socioeconômicas em curso. Por se apresentar como um lugar importante para a produção de conhecimento e tomada de consciência sobre a realidade, tem sido alvo de preocupações de grupos sociais que buscam a manutenção de tradições hegemonicamente aceitas, como também de grupos que defendem a sua atualização em relação as transformações ocorridas na sociedade.

No que diz respeito à conjuntura atual, percebemos avanços e retrocessos significativos na área de educação e sexualidade, quanto a conquista de direitos, a movimentação e resistência dos sujeitos frente a históricas e atuais bandeiras de luta, que são indispensáveis para a vivência da cidadania no Brasil. Em 2014 uma das pautas educacionais alcançadas por meio de um insistente enfrentamento da sociedade civil, a diretriz que contempla a discussão de Gênero e Diversidade Sexual nas escolas<sup>5</sup>, presente no Plano Nacional de Educação (PNE) que irá vigorar até 2024, foi retirada do documento por parlamentares. Isso ocorreu devido a crescente presença da bancada religiosa - católica

<sup>4</sup> Trecho do livro *BR – Trans*, peça em que o autor e ator Silvero Pereira dá voz a diversas narrativas, reais e ficcionais, de travestis e transexuais que conheceu durante o processo de pesquisa etnográfica para o espetáculo, no eixo Ceará – Rio Grande do Sul, misturando sua história pessoal às histórias de vida reais que foram coletadas pelo artista.

<sup>5</sup> O PNE, um documento com diretrizes para políticas públicas de educação aprovado em 2014 e que irá vigorar até 2024, não traz mais em seu conteúdo a questão que aborda a discussão de gênero e diversidade sexual na escola. A pauta foi retirada em votação no Congresso Nacional em 2015, pois, na ocasião, a bancada religiosa alegou se tratar de uma expressão que valoriza o que por eles é chamado de “ideologia de gênero”. Na visão não só dessas/es parlamentares, mas também de outros setores da sociedade que pressionaram a votação, como igrejas cristãs e seus fiéis, além de grupos sociais conservadores, a abordagem da temática na escola deturparia os conceitos de homem e mulher, contribuindo assim para a destruição da família tradicional, podendo até induzir as/os alunas/os a se tornarem homossexuais. Para elas/es, essas questões devem ser tratadas pela família e não pela escola. A diretriz vetada no plano se referia "a superação de desigualdades educacionais, com ênfase na promoção da igualdade racial, regional, de gênero e de orientação sexual". Na versão aprovada no Congresso Nacional, não há nenhuma referência as duas últimas questões, porém, deixou-se a critério dos Estados ou Municípios acrescentá-las ou não no PEE (Plano Estadual de Educação). No Ceará o PEE foi aprovado em maio deste ano na Assembleia Legislativa, que optou pela retirada da pauta de gênero e diversidade sexual de seu conteúdo. Disponível em: <http://www.geledes.org.br/exclusao-de-genero-do-plano-nacional-de-educacao-e-retrocesso-diz-educador/#gs.05cBTY4>

ortodoxa e evangélica - no Congresso Nacional, que hoje já soma a terceira maior da Casa e a primeira a seguir na defesa dos ditos “valores sagrados” da “família”<sup>6</sup>. A justificativa da aprovação da retirada da lei foi de que a escola não pode disseminar ideologias as/aos estudantes, tratando o tema como “ideologia de gênero”. É importante percebermos aqui o quanto as questões de gênero e sexualidade estão presentes no espaço escolar e ao mesmo tempo tendem a ser negadas.

Em contraponto às decisões políticas tomadas a respeito da retirada da discussão de gênero e orientação sexual na escola, o Brasil aparece como um dos países que mais registra assassinatos por homofobia, transfobia e feminicídio no mundo. Segundo o Grupo Gay da Bahia (GGB)<sup>7</sup> - único responsável hoje por registrar casos de assassinato da população de lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais (LGBT) no Brasil - a cada 20h uma pessoa foi assassinada nesse país em 2018 por conta de sua identidade/sexualidade. Com relação aos feminicídios, a ONU aponta que Brasil ocupa a quinta posição no mundo referente a esse tipo de crime<sup>8</sup>. O nível de intolerância a orientações sexuais e identidades de gênero que não se adequam às normas preestabelecidas é assustador. Sabemos que ao longo da história passamos por uma constante tentativa de biologização<sup>9</sup> do gênero e da sexualidade, que vem sendo

---

<sup>6</sup> Vale ressaltar que esses valores são baseados em comportamentos e uma moral hegemonicamente aceitos pela sociedade, que não expressam a totalidade da diversidade existente, assim como também se fundamentam em um único arranjo familiar, formado exclusivamente por um pai, uma mãe e filhas/os. Valores embasados em ideias e ideais religiosos, que são tomados como orientação para a postura política de muitos dos sujeitos que assumem cargos públicos e detêm o poder de voto na implementação de leis e projetos sociais.

<sup>7</sup> O Grupo Gay da Bahia é a mais antiga associação de defesa dos direitos humanos dos homossexuais no Brasil. Fundado em 1980, registrou-se como sociedade civil sem fins lucrativos em 1983, sendo declarado de utilidade pública municipal em 1987. É membro da Associação Brasileira de Gays, Lésbicas e Travestis (ABGLT). Em 1988 foi nomeado membro da Comissão Nacional de Aids do Ministério da Saúde do Brasil e desde 1995 faz parte do comitê da Comissão Internacional de Direitos Humanos de Gays e Lésbicas (IGLHRC). Ocupa desde 1995 a Secretaria de Direitos Humanos da ABGLT, e desde 1998 a Secretaria de Saúde da mesma. Até hoje é o único grupo que coleta estatística de assassinatos homofóbicos/transfóbicos no Brasil. Isso implica numa falta de precisão de dados, já que nem sempre o grupo tem acesso ou conhecimento de todas as situações, assassinatos e violações de direitos dessa população, já que a própria polícia não trata essas questões em seu âmbito político cultural, desconsiderando assim, a condição do sujeito frente a realidade sofrida por ele. Disponível em: <https://grupogaydabahia.com.br/2016/01/28/assassinato-de-lgbt-no-brasil-relatorio-2015/> e [http://www.grab.org.br/new/index.php?option=com\\_content&view=section&layout=blog&id=1&Itemid=12](http://www.grab.org.br/new/index.php?option=com_content&view=section&layout=blog&id=1&Itemid=12)

<sup>8</sup> Os dados estão disponíveis em: <https://nacoesunidas.org/onu-femicidio-brasil-quinto-maior-mundo-diretrizes-nacionais-buscam-solucao/>

<sup>9</sup> Essa biologização diz respeito à tentativa de conceber uma relação dependente entre o sexo, o gênero e a sexualidade do sujeito, por exemplo: caso esse sujeito possua um pênis, é esperável socialmente que ele se identifique e se comporte enquanto o que se espera de um homem, e desenvolva uma sexualidade heteronormativa. Judith Butler questiona essa compreensão e nos ajuda a refletir sobre a sua incapacidade de dar conta das inúmeras experiências que os sujeitos vivenciam e criam entre si. “Concebida originalmente para questionar a formulação de que a biologia é o destino, a distinção entre sexo e gênero atende a tese de que, por mais que o sexo pareça intratável em termos biológicos, o gênero é culturalmente construído: consequentemente, não é nem o resultado causal do sexo nem tampouco tão aparentemente fixo quanto o sexo [...] Se o gênero são significados culturais assumidos pelo corpo sexuado, não se pode dizer que ele decorra de um sexo desta ou daquela maneira” (BUTLER, 2016, p. 26).

aceita por uma grande parcela da sociedade, muitas vezes pela falta de compreensão da complexidade contida na relação entre sexo, desejo/sexualidade e identidade.

Nessa perspectiva vale indagar se a escola reconhece essas questões, se conhece de fato suas/seus estudantes e como lida com toda essa diversidade. A escola seria, pois, o lugar da vivência das sexualidades? As/os estudantes vivenciam esse aspecto de suas vidas dentro dessa instituição? Uma vez constatado que sim, como esses sujeitos experienciam e pensam sobre isso? O que pensa a escola? Ela reflete sobre essas questões com educadoras/es e estudantes? O tema das sexualidades é algo relevante para a instituição escolar? Está presente em suas preocupações sociais e pedagógicas? Diante da conjuntura social, política e cultural apresentada no início desse capítulo, a escola possui um papel importante? Essas são algumas das perguntas centrais que orientaram meu olhar em campo.

## **Objetivos**

### **Geral**

Identificar os lugares<sup>10</sup> que as sexualidades ocupam dentro da escola, tendo como foco as percepções das/os estudantes e como referência as concepções e práticas educativas de professoras entrevistadas.

### **Específicos:**

1. Investigar como as vivências das sexualidades são experienciadas por estudantes dentro da escola da pesquisa;
2. Compreender como pensam as/os estudantes entrevistadas/os a respeito das limitações, preconceitos e estigmas acerca da vivência das sexualidades na escola da pesquisa;
3. Verificar como as/os estudantes pensam o papel da escola diante das problemáticas por elas/es evidenciadas;
4. Conhecer discursos valorativos e práticas educativas das professoras da escola da pesquisa sobre a problemática da vivência da sexualidade.

---

<sup>10</sup> A busca pelo lugar dessas sexualidades na escola procura desvendar em quais circunstâncias elas são vivenciadas dentro dessa instituição e o momento e os lugares onde se pode perceber sujeitos experienciando-as. Além disso, procura identificar se há espaços na prática e planejamento pedagógicos e/ou em documentos que norteiam as diretrizes da escola.

Dessa maneira meu olhar se volta para uma escola de ensino médio da rede pública de Maracanaú, a fim de identificar os lugares ocupados pela vivência das sexualidades das/os estudantes. Vivências estas que apontam para maneiras de pensar e agir que estão repletas de sentidos e significados a serem desvendados por mim em campo.

Diante de todo o contexto e das problematizações até aqui expostas, podemos compreender a importância desse estudo quanto a busca por elementos aprofundados, capazes de nos ajudar a entender melhor essa realidade específica e, quem sabe, isso possa nos fazer ir ao encontro de um dos maiores desafios da escola, que é o de ser um espaço para todas/os, e onde todas/os tenham direito de vivê-la, sem que pra isso tenham que abdicar de suas aspirações e singularidades mais profundas.

*Mais do Mesmo* significa entrarmos em contato com experiências semelhantes vivenciadas por grande parte dos sujeitos que estão na escola, em relação às sexualidades. As relações sociais e percepções que se cruzam e constroem a realidade das/os estudantes e professoras aqui entrevistadas nos apresentam um contexto perpassado por silenciamento, omissão e falta de compreensão. Uma realidade que não reflete novidades, mas que anseia mudanças. *Mais do Mesmo* retrata o drama vivido por indivíduos que desejam saber mais sobre si mesmos, mas cujo acesso a esse saber tem sido negado historicamente pela escola.

Estamos vivendo tempos em que se sufocam identidades e comportamentos que escapam à normalidade social, e em que precisamos alargar nossa perspectiva sobre o mundo, a fim de garantirmos o direito a existência. Isso exige nos aventurar na busca por um conhecimento que parta da realidade social e não se limite unicamente às ideias que temos sobre a conjuntura em que vivemos. O que se encontra do início ao fim dessa pesquisa retrata realidades pelas quais todas/os nós nos deparamos ou vivenciamos ao longo de um período determinado de nossas vidas, e falar sobre elas requer de nós um pouco mais que coragem, exige capacidade de nos reconhecer nas experiências dos *outros*. Convido os/as interessados/as, então, a prosseguir nesse desafio, para que junta/os possamos descobrir o que é possível reescrever ou continuar escrevendo daqui por diante.

## **METODOLOGIA**

O alcance dos objetivos traçados nessa pesquisa exigiu de mim a utilização de uma metodologia que me permitisse uma maior aproximação com o meu objeto de estudo. Nesse sentido fiz uso de recursos etnográficos, por me parecer a mais adequado para alcançar seus objetivos, pois a busca pelos lugares das vivências das sexualidades na escola exige de mim,

(83) 3322.3222

[contato@conedu.com.br](mailto:contato@conedu.com.br)

[www.conedu.com.br](http://www.conedu.com.br)

antes de tudo, um olhar atento para o comportamento dos sujeitos, além de uma aproximação capaz de me fazer perceber como pensam sobre as questões relativas a essa pesquisa. Aqui vale “descobrir o ponto de vista dos nativos” (GEERTZ, 1997), sobre aquilo que vivenciam.

A etnografia é uma forma especial de operar em que o pesquisador entra em contato com o universo dos pesquisadores e compartilha seu horizonte, não para permanecer lá ou mesmo para atestar a lógica de sua visão de mundo, mas para, seguindo-os até onde seja possível, numa verdadeira relação de troca, comparar suas próprias teorias com as deles e assim tentar sair com um modelo novo de entendimento ou, ao mesmo, com uma pista nova, não prevista anteriormente (MAGNANI, 2009, p. 135).

Ao mergulhar no campo utilizei, além de observações diretas que foram feitas por pelo menos duas vezes por semana ao longo de oito meses, entrevistas com alunas/os e professoras, análise de documentos como o PPP (Projeto Político Pedagógico), RE (Regimento Escolar), dentre outros, a fim de explorar seu conteúdo e identificar neles valores, regras, prioridades, significados, etc.

O iniciar da pesquisa me apresentou circunstâncias em campo que me fizeram optar por realizar duas das três entrevistas com estudantes de maneira coletiva e uma individual. Foram entrevistadas três alunas, Helena, Michele e Aline. Duas delas se identificaram como bissexuais e uma como lésbica. Lucas e Antônio foram os dois outros estudantes. Um deles se identificou como gay e outro como heterossexual. A partir do discurso dessas/es alunas/os surgiu a necessidade de entrevistar quatro professoras, Verônica, Bruna, Milena e Paula, ambas de distintas áreas de atuação. Essas entrevistas foram realizadas de maneira individual e o uso dos relatos foi concedido pela escola e os sujeitos entrevistados. Todas as entrevistas foram gravadas e posteriormente transcritas em meu computador. Reitero que, para preservar a identidade de todas/os que me concederam entrevista, opto por utilizar nomes fictícios escolhidos aleatoriamente, tanto para as/os interlocutoras/es quanto para a escola.

## **DESENVOLVIMENTO**

Sendo a juventude o centro da atenção dessa pesquisa, é necessário, antes de tudo, que possamos compreender o que significa falar sobre ela. A juventude tem sido cada vez mais objeto de investigação da sociologia e de outras áreas do conhecimento. Os estudos a seu respeito revelam a complexidade envolvida desde as tentativas de definir o que é juventude, à possibilidade dos sujeitos de vivenciá-la efetivamente.

Quando tratamos da perspectiva sobre a juventude na sociologia, percebemos que “de acordo com a percepção das Ciências Sociais [...] ‘juventude’ só existe tal qual conhecemos, a partir de um momento muito recente da história ocidental” (LIMA, Irapuan. 2014, p.105).

Isso nos leva a pensar no que Sandra Tosta (2015) propõe quando pensa em juventude. Para ela essa condição está ligada muito mais a questões históricas e culturais do que somente a um processo biológico. Nesse sentido ela seria atravessada por uma trama social que compreende etnia, classe social, orientação sexual, gênero, religião e etc. Uma trama complexa a partir da qual, para Tosta, a juventude é vivenciada. A reflexão da autora abre espaço para que possamos pensar em juventudes no plural, já que identificamos que as condições que a atravessam são diversas e permitem aos sujeitos diferentes formas de vivenciar o mundo. Sendo assim, como a escola poderia pensar a categoria aluna/o de uma maneira que não leva em consideração toda essa complexidade, esperando então desses sujeitos um comportamento por ela desejado?

Precisamos refletir que esses sujeitos não estão na escola apenas como estudantes. Eles são também aquilo que experienciam fora e dentro dessa instituição. Percebemos também que as diferenças estão presentes e emergem na escola, mas ao longo do tempo ela tem reproduzido e reforçado certa homogeneização dos sujeitos e “a homogeneização dos sujeitos como alunos corresponde à homogeneização da instituição escolar, compreendida como universal” (DAYRELL, 1996, p.139). Isso nos leva a refletir sobre o que Luma de Andrade (2015) aponta em seu livro sobre travestis na escola, quando ressalta que:

a escola é para os modelos hegemônicos estabelecidos socialmente de homem ou mulher, descartando assim qualquer possibilidade de diferença, além de desconsiderar a educação como direito de todos e todas sem distinção de qualquer natureza, conforme artigo 205 da Constituição Federal (LUMA, 2015, p. 35).

A escola percebida como instituição universal e universalizante não permite que identifiquemos nas diferenças percebidas em seu contexto aspectos positivos, e muito menos faz com que os sujeitos escolares busquem formas educativas e construtivas de lidar com essas diferenças. O que quero expor aqui é a dimensão de particularidade que as escolas possuem, que muitas vezes não é reconhecida ou valorizada. Ao sermos impelidas/os a perceber a escola como um espaço homogêneo, tendemos a ocultar a dimensão e a riqueza que ela possui.

Compreendo então a instituição escolar como um espaço sociocultural (DAYRELL, 1996) cujo processo de construção se dá através das relações sociais nele travadas. Nesse sentido precisamos assumir que a escola é formada por sujeitos distintos, com ideias e comportamentos singulares sobre o mundo e a vida. Diante disso a escola deve se propor a ser um lugar onde o respeito e a valorização a essas diferenças é algo que cotidianamente deve ser praticado.

Ao nos referirmos as sexualidades, uma pesquisa rápida em qualquer dicionário convencional da língua portuguesa nos permitirá encontrar uma definição de sexualidade determinada pelo sexo biológico pertencente ao sujeito. Porém, aqui a entenderei numa perspectiva mais abrangente e não determinista, muito próxima da compreensão de Guacira Lopes Louro (2014), onde

O que importa aqui considerar é que – tanto na dinâmica do gênero como na dinâmica da sexualidade – as identidades são sempre construídas, elas não são dadas ou acabadas num determinado momento. Não é possível fixar um momento – seja esse nascimento, a adolescência, ou a maturidade – que possa ser tomado como aquele em que a identidade sexual e/ou a identidade de gênero seja “assentada” ou estabelecida. As identidades estão sempre se construindo, elas são instáveis e, portanto, passíveis de transformação (LOURO, 2014, p. 31).

As sexualidades são percebidas nessa perspectiva como uma construção histórica e social, que conseqüentemente leva em consideração as transformações da realidade. Portanto, é também um dado histórico/local/cultural. Dessa maneira, Louro desnaturaliza e *desgenitaliza* a sexualidade. Sua percepção nos possibilita visualizar as preferências do sujeito, sua experiência de vida, seu desejo, descobertas e sua percepção de mundo, que pode variar conforme o tempo e espaço em que estiver localizado. Sendo assim, a sexualidade não depende exclusivamente do sexo biológico; ela é expressa pelo corpo, pelos gestos, através de discursos, mas não depende exclusivamente deles. Podemos concluir, então, que as relações sociais são fundamentais no processo de desenvolvimento das sexualidades.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Nas observações e entrevistas que se seguem a partir daqui, veremos que questões ligadas às sexualidades emergem dentro da escola e contradições se apresentam, muitas vezes parecendo invisíveis àquelas/es que deveriam identificá-las. Com a contribuição dos sujeitos entrevistados, aos poucos a realidade dentro da instituição escolar vai ganhando significado e se torna possível compreender as indagações que vão sendo identificadas.

As questões referentes à sexualidade estão, queira-se ou não, na escola. Elas fazem parte das conversas dos/as estudantes, elas estão nos grafites dos banheiros, nas piadas e brincadeiras, nas aproximações afetivas, nos namoros; e não apenas aí, elas estão também de fato nas salas de aula – assumidamente ou não –, nas falas e atitudes das professoras, dos professores e estudantes (LOURO, 2014, p. 135).

Pude constatar as observações apontadas por Louro a partir de meu primeiro contato com o campo de pesquisa. Durante minha passagem pela escola, houve momentos em que perguntas também eram feitas a mim não só em circunstâncias em que era surpreendida por alguém durante uma observação, mas também enquanto realizava as entrevistas.

“Tô no primeiro ano. Eu me considero hétero porque eu sinto atrações por mulheres. Eu nunca senti atração por homens. Eu fiquei com um menino ai, tipo uma história perdida, um momento assim... que eu não tava nas minhas faculdades mentais, entendeu? Eu não tava nas minhas faculdades mentais. Claro que eu também não me arrependo né, acho que não tem motivo pra se arrepender. Mas também não tenho motivo pra voltar a fazer, entendeu? Por isso que eu acho que eu sou hétero. Eu acho que eu sou hétero né?” (informação verbal)<sup>11</sup>.

Esse relato revela que a descoberta é uma dimensão presente na realidade das juventudes e onde as/os jovens parecem mergulhar, muitas vezes sem medo, à procura de respostas que possam ajudar a compreender quem são. Por isso experimentam, e experimentar impacta nas relações que travam entre si. Se pensarmos na escola enquanto uma instituição que além de produzir saberes proporciona a socialização entre essas/es jovens, podemos considerar também que seu contexto é capaz de fazer com que suas e seus alunas/os tenham de lidar com inúmeras questões que podem aflorar ao longo de sua passagem por ela. Uma das mais latentes na vida das/os jovens aqui entrevistadas/os é a sexualidade. Isso me faz recordar que “falar de sexualidade é apontar para divergências entre o que se é esperado do sujeito e as produções desejanter que se processam em seu ser, o desconhecimento radical do sujeito em relação à sua própria subjetividade, ao seu próprio desejo” (PAIVA, 2011, p. 95 apud JOCA, 2016, p. 20).

Isso nos ajuda a pensar a condição das identidades sexuais na escola. Quem é heterossexual é reprimido não só em demonstrar sua afetividade com quem namora, mas também com suas e seus colegas. É o que Antônio diz quando “às vezes têm alguns amigos meus aqui, se eu for chegar para abraçar eles, eles já *empurra*: ‘*ei sai daqui, deixa de ser gay*’ [...] Mesmo sendo dois héteros, eles já tem medo do que o pessoal vai pensar” (informação verbal)<sup>12</sup>. A afetividade, além de, nesse caso, ser confundida com orientação sexual, só pode ser praticada com alguém do sexo oposto, sobretudo quando se trata de dois homens. Há nessa lógica de pensamento certa incompreensão sobre o que de fato é sexualidade, afetividade e orientação sexual.

Vale refletir ainda que “em nossa sociedade, devido à hegemonia branca, masculina, heterossexual e cristã, têm sido nomeados e nomeadas como diferentes aqueles e aquelas que não compartilham desses atributos” (LOURO, 2014, p. 53). Diante disso, a masculinidade e a feminilidade são conferidas a um ideal de orientação sexual heteronormativa que exclui

<sup>11</sup> Entrevista concedida por X, Antônio. Entrevista I. [out. 2016]. Entrevistadora: Fernanda Mara de Moraes Ferreira. Fortaleza, 2016. 1 arquivo .mp3 (23 min. e 36 seg.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice A desta monografia.

<sup>12</sup> Entrevista concedida por X, Antônio. Entrevista I. [out. 2016]. Entrevistadora: Fernanda Mara de Moraes Ferreira. Fortaleza, 2016. 1 arquivo .mp3 (23 min. e 36 seg.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice A desta monografia.

qualquer outra possibilidade e instaura a compreensão do que é certo ou errado, normal e anormal, aceitável ou não.

As experiências que encontrei na escola por si só demonstram que as relações sociais escapam à lógica heteronormativa e que cada uma/um experimenta suas relações de maneira singular. Para que possamos evidenciar na prática essa reflexão, resgato as impressões de Helena acerca do relacionamento lésbico na escola.

“Ficam como uma vez, aconteceu desse casal de meninas que eu tava falando, elas *tarem* abraçadas e acabaram que deram, sentadas naquele negócio (apontando para uma mesa de madeira improvisada do lado direito do pátio central), acabaram que deram um beijo. *Aí* toda a escola parou e ficou olhando. *Aí* eu, eu peguei e fiquei olhando. Nossa que besteira. Isso é normal. Se fosse um casal *hétero* sentado se beijando ali, ninguém olharia” (informação verbal)<sup>13</sup>.

As impressões das/os estudantes algumas vezes divergem e se aproximam no que diz respeito a maneira como percebem as vivências das sexualidades na escola. Durante os oito meses em que estive em campo, identifiquei poucas/os estudantes homossexuais vivendo sua sexualidade publicamente. Somente um casal lésbico expôs em público sua identidade. Ao entrevistar uma das meninas desse casal, ela relatou que namorar na escola “é tranquilo, a gente anda de mãos dadas na escola, se abraça, tranquilo” (informação verbal)<sup>14</sup>. No entanto, ao ser questionada sobre como percebe a reação dos sujeitos em relação à vivência de seu relacionamento, ela diz que “pra gente é tranquilo, mas pros outros já é falta de respeito [...] porque *aí* já é coisa do demônio”. Michele não foi a única que expôs questões importantes para pensarmos sua condição.

A contradição na forma como dizem se sentir apareceu também na fala de Lucas. O aluno declara que “eu me senti à vontade pra ser quem eu era aqui na escola”. Mas logo expõe que “eu já sofri represália dentro da escola porque eu tava sendo eu mesmo”, e continua: “na questão de ser gay ou lésbica, acho que, que... que não tem esse tipo de coisa a público, porque eu acho, na minha parte, eu tenho receio e tenho vergonha mesmo” (informação verbal)<sup>15</sup>.

Quando questionada sobre lugares na escola onde as sexualidades são pensadas ou abordadas de alguma maneira, a professora relata ainda que não há muito espaço, “acredito

<sup>13</sup> Entrevista concedida por X, Helena. Entrevista I. [out. 2016]. Entrevistadora: Fernanda Mara de Moraes Ferreira. Fortaleza, 2016. 1 arquivo .mp3 (23 min. e 36 seg.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice A desta monografia.

<sup>14</sup> Entrevista concedida por X, Michele. Entrevista VII. [mai. 2017]. Entrevistadora: Fernanda Mara de Moraes Ferreira. Fortaleza, 2017. 1 arquivo .mp3 (8 min. e 12 seg.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice A desta monografia.

<sup>15</sup> Entrevista concedida por X, Lucas. Entrevista III. [fev. 2017]. Entrevistadora: Fernanda Mara de Moraes Ferreira. Fortaleza, 2017. 1 arquivo .mp3 (12 min. e 29 seg.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice A desta monografia.

que isso é uma falha, isso tem que acontecer” (informação verbal)<sup>16</sup>. No entanto, a educadora logo confessa que muitas/os estudantes a procuram angustiadas/os para confidenciar suas vivências e inquietações e que sabe:

(...) que infelizmente hoje em dia há vários protestos, pode aparecer pai e mãe que traz uma visão religiosa e quer impedir esse tipo de assunto, mas não falar sobre isso não quer dizer que isso não aconteça. E não falar pode causar vários problemas: a depressão, o medo, a violência, o preconceito. O não falar gera tudo isso. Então a escola precisa falar mais (informação verbal)<sup>17</sup>.

Isso me faz pensar que a escola não necessita apenas de “um professor-técnico cujo conhecimento se restrinja ao domínio das aplicações do conhecimento científico e a regras de atuação” (LIBÂNEO, 2008, p. 35). O contexto escolar exige das/os educadoras/es a habilidade de saberem lidar com as experiências e sentimentos das/os suas/seus estudantes, e com a complexidade e inconstância da realidade em que estão inseridas/os.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Foi possível identificar alunas/os vivenciando sua heterossexualidade, homossexualidade e bissexualidade, havendo diferenças nas maneiras como os sujeitos escolares reagem a cada uma dessas orientações. Através das entrevistas realizadas com alunas/os, evidenciou-se que o namoro dentro da escola causa reações negativas, mas os relatos de medo, receio e repressão aparecem com maior intensidade nas narrativas das/os alunas/os e professoras quando se referem à vivência da homossexualidade ou da bissexualidade na escola.

Identificou-se também certa contradição na forma como as/os estudantes se sentem dentro da instituição. Ao mesmo tempo em que dizem estar à vontade para ser quem são, relatam que tem que conviver com situações de silenciamento, preconceito e intolerância quando resolvem assumir publicamente sua identidade, sexualidade ou virgindade. Faz-se importante salientar que, em muitas das entrevistas, as/os jovens não identificaram as experiências de exclusão presentes em seus discursos como sendo situações de preconceito, discriminação e intolerância, dado que conduz a constatação da negação ou ausência de discussões aprofundadas sobre as sexualidades, limitando não só a compreensão das/os estudantes, como também cerceando a visão das professoras acerca da complexidade e do impacto das questões relacionadas a temática dentro da escola e na vida dos sujeitos.

---

<sup>16</sup> Id., 2017, X, Milena.

<sup>17</sup> Ibid., 2017, X, Milena.

A escola prioriza a dimensão biológica da problemática da sexualidade sem considerar os aspectos culturais, sociais e psicológicos que também constituem a problemática das sexualidades.

## REFERÊNCIAS

ANDRADE, Luma Nogueira. **Travestis na escola, assujeitamento e resistência à ordem normativa**. Editora. Léa Carvalho. – 1º Ed. – Rio de Janeiro: Metanoia, 2015.

COSTA, Adriano. JOCA, Alexandre. LOIOLA, Luis [organizadores]. **Desatando Nós: fundamentos para a práxis educativa sobre gênero e diversidade sexual**. Fortaleza: Edições UFC, 2009.

COSTA, Adriano. JOCA, Alexandre. PEDROSA, Francisco. **Recortes das Sexualidades: encontros e desencontros com a educação**. Fortaleza: Edições UFC, 2001.

DAYRELL, Juarez. **A Escola Como Espaço Sócio-Cultural**. UFMG. Belo Horizonte, 1996.

DAYRELL, Juarez. **A Escola “Faz” as Juventudes? Reflexões em Torno da Socialização Juvenil**. *Educ. Soc.* Campinas, vol. 28, n. 100 – Especial, p. 1105 – 1128, out. 2007.

FREIRE, Paulo. **Ação cultural para a liberdade**. 9ª, São Paulo: Paz e Terra, 2002.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 2ª impressão da 43ª Ed. – São Paulo: Paz & Terra, 2011.

GEERTZ, Clifford. **O saber local: novos ensaios em antropologia interpretativa**. Tradução de Vera MelliJoscelyne, Petrópolis – Rio de Janeiro: Vozes, 1997.

JOCA, Alexandre Martins. **Levados por Anjos: modos de vida, educação e sexualidades juvenis**. 2. Ed. Curitiba: CRV, 2016.

LIBÂNEO, José Carlos. **Organização e gestão da escola: teoria e prática**. 5. Ed. Revista e Ampliada – Goiania: MF Livros, 2008.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. 16. Ed. Petrópolis – Rio de Janeiro: Vozes, 2014.

LOURO, Guacira Lopes. **O Corpo Educado**. 2º Ed. Livro Digital. (Org.) Guacira Lopes Louro. Tradução Tomaz Tadeu da Silva. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

TOSTA, Sandra. **Antropologia e Educação: Interfaces em construção e as culturas na escola**. Revista Inter-legere.

TOSTA, Sandra. **Sociabilidades Contemporâneas: juventude, mídia e escola**. Pontifícia Universidade Católica – PUC – Minas, Belo Horizonte, 2015.